

Tem palhaço na Educação Física escolar? Tem, sim Senhor!

RESUMO

Neste estudo relatamos a implementação do ensino do palhaço como conteúdo nas aulas de Educação Física numa turma de 8.º ano de Ensino Fundamental de uma escola pública, na qual participaram 30 alunos de 12-17 anos (13 meninas e 17 meninos). As aulas ocorreram duas vezes por semana, num total de dez, ministradas por dois professores monitores, orientados por um professor orientador local e um professor orientador especialista em palhaçaria. Nas aulas pesquisou-se o imaginário dos alunos sobre circo e palhaço; foram propostos jogos que buscaram o riso, exposições sobre quatro palhaços brasileiros, atividades que buscaram a conexão entre os participantes do estudo, acrobacias cômicas e uma avaliação final com desenhos. Essa experiência aponta que é possível ensinar a palhaçaria nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Circo; Palhaço; Educação física escolar; Atividades circenses

Yan Pablo Franco Magalhães

Licenciando em Educação Física
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Corumbá, MS, Brasil
yanfmaga@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-0860-1414>

Patrick Aparecido Ferreira de Souza

Licenciado em Educação Física
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Corumbá, MS, Brasil
patrickstan.ps@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-4971-9160>

Luís Bruno de Godoy

Mestre em Ciências Humanas e Sociais
Universidade Estadual de Campinas,
Campinas, SP, Brasil
godoy.lb@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0857-9937>

Gilson Santos Rodrigues

Mestre em Educação Física
Universidade Estadual de Campinas,
Campinas, SP, Brasil
gio.sts.rodrigues@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1472-2480>

Rogério Zaim-de-Melo

Doutor em Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Corumbá, MS, Brasil
rogeriozaimelo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0365-6000>

Is there a clown in school Physical Education? Yes, sir!

ABSTRACT

In this study we report the implementation of clowning as a content in Physical Education classes in an 8th grade class in a public school, in which 30 students aged 12-17 years (13 girls and 17 boys) participated. The classes took place twice a week, in a total of ten, taught by two monitors, guided by a local mentor teacher and a mentor teacher specialized in clowning. In the classes we researched the students' imaginary about circus and clown; we proposed games that sought laughter, exhibitions about four Brazilian clowns, activities that sought connection among the participants of the study, comical acrobatics and a final evaluation with drawings. This experience points out that it is possible to teach clowning in Physical Education classes.

KEYWORDS: Circus; Clown; School physical education; Circus activities

¿Hay payasos en la Educación Física escolar? ¡Sí, señor

RESUMEN

En este estudio relatamos la implementación de la enseñanza del payaso como contenido en clases de Educación Física en una clase de 8° de Primaria de un colegio público, en la que participaron 30 alumnos con edades comprendidas entre los 12 y los 17 años (13 chicas y 17 chicos). As clases ocorreram duas vezes por semana, em um total de dez, ministradas por dois monitores, orientados por um professor mentor local e um professor mentor especializado em payaso. En las clases, se investigó el imaginario de los alumnos sobre el circo y el payaso; se propusieron juegos que buscaban la risa, exposiciones sobre cuatro payasos brasileños, actividades que buscaban la conexión entre los participantes del estudio, acrobacias cómicas y una evaluación final con dibujos. Esta experiencia señala que es posible enseñar clown en las clases de Educación Física.

PALABRAS-CLAVE: Circo; Payaso; Educación física escolar; Actividades circenses

INTRODUÇÃO

Somos todos clowns. Achamos que somos belos, inteligentes e fortes, mas temos nossas fraquezas, nosso derrisório, que, quando se expressa, faz rir.
Lecoq

Nas últimas duas décadas houve um aumento significativo nas produções acadêmicas sobre o circo (ROCHA, 2010; KRONBAUER; NASCIMENTO, 2013), em especial, estudos e relatos de experiências que envolvem a inserção do circo na Educação Física escolar (TOLEDO; ZANOTTO, 2020; CONCEIÇÃO JR. *et al.*, 2020; XAVIER JR.; MOURA, 2020; ZAIM-DE-MELO *et al.*, 2020) em todas as etapas de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Superior (SANTOS RODRIGUES *et al.*, 2021; LEMKE, 2022). Uma das principais razões para esse fenômeno é o reconhecimento do potencial educativo do circo na Educação Básica (RIBEIRO *et al.*, 2021) e, especialmente, nas aulas de Educação Física (CARDANI *et al.*, 2017;2022).

Para Price (2012) e Ontañón Barragán (2016), as atividades circenses emergem nas aulas de Educação Física como alternativa às práticas habituais da área, ou seja, como uma renovação curricular. O circo nas aulas de Educação Física pode contribuir com o desenvolvimento de habilidades coordenativas, a consciência corporal e o estímulo de competências comunicativas e expressivas (DUPRAT; PÉREZ GALLARDO, 2010), além de poder fomentar a criatividade e a autonomia (PRICE, 2012). Ademais, ele tem se mostrado um conteúdo motivante e atrativo, que ajuda a superar limites (pessoais e sociais), indo além das competências motoras (OLIVEIRA *et al.*, 2022), levando, por vezes, a um comportamento cooperativo. Bortoleto *et al.* (2020) destacam o potencial inclusivo das atividades circenses, de forma que alunos menos habilidosos em outros conteúdos (esporte, por exemplo), diante das atividades circenses, conseguem atingir os objetivos pedagógicos “[...] sem qualquer discriminação, em igualdade de gênero e nível de desenvolvimento” (ONTAÑÓN BARRAGÁN; BORTOLETO; SILVA, 2013, p. 237).

Bortoleto (2017) assinala que a diversidade de modalidades circenses é um trunfo para o ensino na Educação Física escolar. Nas aulas de circo na Educação Física escolar, podem ser utilizadas as mais variadas modalidades circenses – malabares, acrobacias, aéreas, equilíbrios e palhaçaria (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011) –, à exceção de um conjunto de modalidades que podem oferecer riscos físicos e/ou psicológicos aos alunos (BORTOLETO, 2011). Considerando que a segurança é uma questão prioritária (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015), podemos citar modalidades cujo ensino da vivência corporal é desaconselhável na escola, como o *freakismo*, faquirismo (*e.g.* engolidor de facas), pirofagia (*e.g.* manipulação de fogo), entre outras (DUPRAT; BORTOLETO, 2007).

Na literatura científica e pedagógica, há um vasto número de estudos sobre a pedagogias modalidades circenses específicas: malabares com bolas (PITARCH, 2000; DUPRAT; BORTOLETO, 2007; JACHIC; LIMA, 2009; outros), claves (DUPRAT, 2010), caixas (LOPES; DUPRAT, 2022), equilíbrios sobre a perna de pau (BORTOLETO, 2003), rola-rola (BORTOLETO, 2004), monociclo (BORTOLETO; LOPES; MORALES, 2008), arame fixo (BORTOLETO; LOPES, 2010), bola de equilíbrio (ONTAÑÓN BARRAGÁN *et al.*, 2019), acrobacias de solo (BORTOLETO, 2008; MARIANO *et al.*, 2020), parada de mãos (BORTOLETO; DUPRAT, 2008), acrobacias coletivas (TANAN; BORTOLETO, 2008; TORRES; DANTAS, 2017), acrobacias aéreas no tecido (BORTOLETO; CALÇA, 2007; ZAIM-DE-MELO *et al.*, 2020), trapézio (CALÇA; BORTOLETO, 2008) etc. Há também trabalhos com propostas pedagógicas (ZANOTTO; SOUZA JR., 2016; CARAMÊS, 2013; SOUZA JR., 2018; entre outros) que, por vezes, se apoiam em taxonomias das modalidades circenses, como as de Bortoleto e Machado (2003), Duprat e Pérez Gallardo (2010) e Bortoleto(2017). As taxonomias são um recurso válido para planejar e organizar o ensino do circo, atentando ao princípio da diversidade de modalidades circenses (ONTAÑÓN BARRAGÁN; BORTOLETO; SILVA, 2013).

Revisando a literatura científica e pedagógica, notamos pouquíssimos estudos e relatos sobre o palhaço como conteúdo das aulas de Educação Física. À exceção de Dias et al. (2009), Miranda (2016), Miranda e Lara (2015), Cavalcanti (2018) e Zaim-de-Melo, Godoy e Braccialli (2020), há poucas informações sobre o trato pedagógico da palhaçaria na Educação Física. Essa lacuna nos incomodou, pois acreditamos que o palhaço seja uma figura emblemática para o circo (BOLOGNESI, 2003; LOPES; SILVA, 2022).

Os palhaços sempre foram um elemento essencial do circo. É normal que um espetáculo com muitas proezas perigosas desperte um sentimento de tensão, angústia, apreensão ou admiração; o público precisa esquecer suas emoções e quebrar a tensão com o riso¹. (COXE, 1988, p. 6, tradução nossa).

Diante deste cenário, surgiu uma proposta de inserção do ensino do palhaço nas aulas de Educação Física incitada por Zaim-de-Melo, Godoy e Braccialli (2020), mas que foi interrompida devido à pandemia da Covid-19. No presente texto apresentamos a retomada dessa ideia, e o nosso objetivo é relatar a implementação do palhaço como conteúdo nas aulas de Educação Física numa turma de 8.º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Porém, antes de iniciarmos o relato propriamente dito, é preciso esclarecer de qual palhaço estamos falando.

¹ **No original:** *Es normal que en un espectáculo en el que las proezas a menudo peligrosas suscitan un sentimiento de tensión, de angustia, de aprensión o de admiración, el público necesite olvidar sus emociones y romper la tensión con la risa.* (COXE, 1988, p. 6).

O PALHAÇO

Para Alice Viveiros de Castro (2005, p. 11), no Elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo, o palhaço é um arquétipo social, ou seja, uma “[...] figura que não é ninguém que conhecemos e que, no entanto, reconhecemos ao primeiro olhar”. Esse arquétipo, ressalta Castro (2005), existe sob vários nomes, clown, grotesco, truão, bobo, excêntrico, Tony, Augusto, jogral e outros. O arquétipo do palhaço se mantém, até hoje, nas mais diversas culturas, nos mais diversos contextos e de distintas formas. Porém é no circo que ele “[...] atingiu a plenitude e finalmente assumiu o papel de protagonista” (CASTRO, 2005, p. 11).

O palhaço é uma figura clássica no imaginário coletivo brasileiro (BOLOGNESI, 2003; CASTRO, 2005; LOPES; SILVA, 2022; e outros), que, mais recentemente, afirma Enne Marx (2020), se tornou um objeto acadêmico de pesquisas. Para Osthues (2020), a imagem do palhaço está presente na sociedade brasileira na forma de ilustrações, comerciais de tv, brinquedos e até mesmo nas formas de protesto e críticas sociais. Porém, para fins do projeto de inserção desta personagem nas aulas de Educação Física, optamos pelo palhaço associado ao circo, aquele que não é necessariamente o protagonista de um espetáculo circense, mas que possui destaque e reconhecimento do público (CASTRO, 2005). O historiador Anthony H. Coxe (1988) afirma que, num universo circense em que impera a virtuosidade corporal que muitas vezes desafia as leis da física, o palhaço traz para o picadeiro um refresco, mostrando o ridículo, o fracasso e o erro, aproximando a plateia daquilo que é essencialmente humano, o riso.

Uma das características mais marcantes dos atos do palhaço é o improviso, especialmente em esquetes (BOLOGNESI, 2007). Por outro lado, também existe “entradas” ou “reprises” clássicas, algumas muito antigas, como as descritas por Bolognesi (2003) e Rémy (2016), que habitualmente são passadas de palhaço para palhaço por meio da oralidade, sua principal forma de ensino e transmissão de saberes. Quando se leem as poucas rotinas que foram documentadas por escrito, é praticamente impossível apreciar o humor (comicidade) sem a “habilidade mágica” do palhaço para dar-lhes vida. De fato, um elemento-chave é o improviso da atuação cênica, e não o cenário em que se baseia, uma tradição que remonta, entre outras inspirações, à Commedia dell'Arte da Itália renascentista (LECOQ, 2010; BURNIER, 2001).

Entre os atos de palhaço mais vistos no Brasil, há o jogo de status caracterizados pelos palhaços Branco e Augusto (MARX, 2020). O palhaço Branco representa um homem educado, elegante, correto e racional, usa um figurino com lantejoulas brilhantes, um chapéu cônico e maquiagem branca com traços pretos – similar ao personagem Pierrot da Commedia dell'Arte. O Augusto é o oposto do Branco, representa o desajustado, desajeitado, deselegante, ingênuo e de boa-fé (inocente), inapropriado aos espaços e locais por onde circula (BURNIER, 2001). O figurino do palhaço Augusto é extravagante e

exagerado, sua maquiagem cobre parte do rosto – maquiagem branca somente para realçar os olhos e a boca – e sua principal característica é o nariz vermelho – a menor máscara do mundo, alega Lecoq (2010). De acordo com Reis (2013, p. 27), “[o] nariz vermelho identificado como a característica principal da maquiagem do Augusto, [...] começou a se generalizar apenas desde a década de 1910, a partir da maquiagem de Albert Fratellini”.

O palhaço Augusto, em sua dinâmica com o Branco, tende a gerar empatia na plateia e, ademais, acabou se perpetuando no universo circense com seus passos descompassados, suas roupas grandes ou curtas que denunciavam, “[...] de um lado, a incompatibilidade e as desmedidas entre o corpo e a roupa que o cobre e, de outro, a aberração da vestimenta como indicador da ‘imbecilidade’ de quem a usa” (BOLOGNESI, 2003, p. 57). Sendo assim, nas aulas de Educação Física, utilizamos a referência do palhaço Augusto, estudando suas características, dissecando seus movimentos, suas quedas, seu jeito de andar etc. para, assim, inserirmos o palhaço nessa disciplina.

CAMINHO TRILHADO

O projeto de implementação do palhaço nas aulas de Educação Física foi nominado “Tem palhaço na Educação Física escolar? Tem, sim senhor!” e foi implementado em uma turma de 8.º ano de uma escola pública localizada na região central do município de Corumbá-MS.

A escola em questão, desde 2021, faz parte do chamado programa Escola da Autoria da Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul, que tem como objetivo a ampliação da jornada escolar para 12 tempos diários, com 50 minutos cada um. A ideia central do programa é colocar o estudante como protagonista do seu fazer escolar, com disciplinas eletivas, prática de convivência e socialização, projeto de vida, além de ampliar o número de aulas dedicadas aos componentes curriculares preconizados na Base Nacional Comum Curricular (MATO GROSSO DO SUL, 2022). Nas escolas de tempo integral, as aulas iniciam às 07:30 e se encerram às 16:35, com dois intervalos de dez minutos e pausa de uma hora para o almoço.

Para colocar o projeto em prática, construiu-se um grupo de trabalho composto por 1 professor orientador local, 1 professor orientador especialista em palhaço (ator de formação e estudioso da palhaçaria), residente no interior de São Paulo, e 2 professores monitores. Ambos os professores monitores fazem parte do projeto de extensão de atividades circenses coordenado pelo professor orientador local, que é docente do curso de Educação Física de uma universidade federal localizada na cidade. Antes da realização do projeto e no decorrer dele, o grupo se reuniu regularmente, inclusive com a participação via *Google Meet* do professor orientador especialista em palhaçaria.

A escolha pelo 8.º ano foi por acreditar que os alunos dessa série já possuíam maturidade para realizar as atividades propostas, bem como capacidade de expor eventuais desconfortos que poderiam

acontecer no decorrer dos exercícios, por exemplo quando pe preciso expor o grotesco ao invés do belo. A turma escolhida tinha 30 alunos com idades entre 12 e 17 anos, sendo 13 meninas e 17 meninos. As aulas de Educação Física ocorriam quatro vezes por semana, sendo que duas delas foram reservadas para o projeto, realizadas em uma sala climatizada e com tatames. A escolha dessa turma foi por conveniência, era a que melhor se adequava aos horários dos professores monitores.

As aulas, dez no total, foram realizadas durante um mês, e foram planejadas tendo como base os livros: O jogo do palhaço: do hospital à rua, da rua ao hospital (GODOY, 2022) e Clown e corpo sensível: diálogos com a Educação Física (MIRANDA, 2016).

A EXPERIÊNCIA PROPRIAMENTE DITA

Considerando a experiência como algo que afeta o sujeito e lhe deixa marcas, gerando deslocamentos e pequenas modificações, algo que é mais efetivo pela intensidade do que pela recorrência (LARROSA, 2017), iniciamos o projeto. Antes do início das atividades, houve uma conversa com a direção da escola para explicar as intenções do projeto, sua aplicabilidade e posterior utilização dos dados obtidos na forma de texto científico e pedagógico. As atividades foram iniciadas somente após a aprovação da escola.

Para a realização das aulas, os professores monitores revezaram nos papéis de regente e observador, alternando-se nos dias de encontro. Enquanto um ministrava as atividades, o outro ficava como observador fazendo anotações em um diário de campo. Esse diário é um caderno de notas no qual se registraram as conversas, as observações do comportamento dos alunos durante as atividades e as impressões pessoais de quem fazia a anotação, que muitas vezes são modificadas no decorrer da pesquisa (ARAÚJO et al., 2013).

As aulas foram distribuídas em unidades conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Unidades de ensino

Unidade	Número de aulas
1. Familiarização com o tema; visita do palhaço; explicação da proposta	01
2. Buscar o riso	02
3. Palhaços brasileiros	01
4. Buscando conexões	03
5. Acrobacias cômicas	02
6. Recalculando rota	01

Fonte: Elaborado pelos autores.

Unidade 1. Avaliação de conhecimento; visita do palhaço; explicação da proposta.

No primeiro encontro com os alunos da escola foi realizada uma sondagem sobre a relação circo e palhaço, para buscarmos pistas de que estávamos no caminho certo. Em uma caixa de sapato,

embrulhada em papel de presente, foi colocada a impressão em tamanho A4 de uma imagem de um circo de lona. O aluno deveria ver a imagem, não falar nada e passar a caixa para outro aluno. Após olhar dentro da caixa, ele escreveria em uma página o que aquela imagem significava para ele. No dia estavam presentes 23 alunos, e as respostas foram circo (9), palhaço-palhaçada (11) e alegria (3).

Essa resposta é similar ao que relata Ontañón Barragán (2016), que, em um experimento com crianças, fez uma pergunta simples: o que é circo? Nas respostas obtidas pela pesquisadora aparecem figuras emblemáticas do circo; entre elas, a primeira citada pela autora é o palhaço.

Após a atividade inicial, sem que os alunos soubessem, bateu à porta da sala de aula o palhaço Quitripa, personagem criada por um dos professores monitores. O palhaço Quitripa cumprimentou o grupo e interagiu com ele, e convidou os alunos a participarem do projeto. Após sua saída, foi feito com os alunos um combinado, para que pudéssemos “garantir” a presença deles. Todos os alunos presentes na aula concordaram em participar das atividades, e também foi esclarecido que, caso alguém não quisesse fazer parte do projeto, sua vontade seria respeitada. No final da aula, foi solicitado aos alunos que realizassem uma pesquisa sobre um palhaço do Brasil.

Unidade 2. Buscar o riso: João-bobo; marionete colombiana; latido; trânsito com caretas; jogo do sério.

A segunda unidade teve como objetivo principal buscar o riso, visando realizar um quebra-gelo entre os alunos e a proposta. A primeira atividade foi o “João-bobo”, realizada em trios: um aluno fica no centro, com o corpo todo contraído, os outros dois participantes começam conduzindo o seu corpo, de um lado para o outro, como um pêndulo, começando com pequena distância, que vai sendo aumentada paulatinamente. Na brincadeira, foi possível observar que seria necessário desenvolver atividades que permitissem aumentar o nível de confiança entre os alunos.

A “marionete colombiana” é uma atividade realizada em dupla, na qual um participante conduz o outro apenas com o movimento das mãos, podendo descolocar-se no espaço, realizar movimentos próximos e distantes do solo; a única regra é dosar a velocidade para que o conduzido consiga acompanhar a atividade.

As próximas atividades desenvolvidas foram, respectivamente:

- “Latido”: com todos em círculo, foi explicado aos alunos que eles deveriam ficar em seis apoios (“cachorrinho”) e latir em direção a um amigo para chamar sua atenção, e este deveria responder com o seu respectivo nome. Muitos risos foram soltos durante a atividade, bem como foram mencionadas intitulações de raças de cachorro (pinscher, chihuahua etc.). A fala de um aluno levou a um direcionamento da atividade: “Eu não posso latir, pois não sou cachorro, sou gato, então só posso

miar”. Nesse momento, foi sugerido que utilizássemos o miado no lugar do latido. E depois realizamos a atividade com o cacarejar das galinhas;

- “Trânsito com caretas” (uma espécie do jogo do morto-vivo em movimento, no qual substituímos o morto por uma gargalhada e o vivo por um assobio) e o “jogo do sério”. Em todos eles o riso foi alcançado, sendo notório que, a partir do momento em que um ria, todos riam também.

No término da aula, foi realizada uma roda de conversa para que as atividades fossem avaliadas. Para os participantes, a atividade “marionete colombiana” foi a mais difícil, pois eles constantemente perdiam o foco.

Após nos reunirmos (professores e orientadores), foi sugerido atentarmos para que as próximas atividades fossem baseadas nas anteriores, já realizadas. Essa estratégia visou a uma conexão entre um jogo e outro, visto que, ao falarmos do jogo do palhaço, estamos construindo um corpo pronto para a ação na relação com outros corpos (LECOQ, 2010). Outro ponto levantado foi a necessidade de não se esquecer que o trabalho que estava sendo realizado era com crianças que estavam vendo o imaginário coletivo do palhaço, partindo das representações já existentes até aquele momento.

Nesse contexto, tomamos como parâmetro a ideia de êxtase e frivolidade proposta por Huizinga (2019) para balizar o jogo durante a sua realização. Desse modo, caso o jogo tendesse para um lado ou para outro (êxtase ou frivolidade), interviríamos para que ele acontecesse da melhor maneira, isto é, se tendesse ao êxtase, precisaríamos diminuir a intensidade para voltar ao equilíbrio, por outro lado, se pendesse para a frivolidade, seria necessário inserir elementos que envolvessem os jogadores a serem novamente imersos no jogo (arrebatemento, como define Huizinga).

Terminada a parte prática da aula, questionou-se sobre a tarefa solicitada anteriormente, a pesquisa sobre o palhaço no Brasil; apenas 1 aluno a tinha realizado. O trabalho feito foi sobre o palhaço Carequinha². Diante dessa situação, o planejamento foi reestruturado, sendo necessária a inclusão de uma aula mais expositiva sobre os principais palhaços brasileiros.

Unidade 3. Grandes palhaços brasileiros.

A aula foi pautada na apresentação de palhaços brasileiros. Quatro palhaços foram escolhidos para destacar o universo palhacesco do Brasil: palhaço Arrelia, palhaço Carequinha, palhaço Picolino e palhaço Piolin. A escolha por esses grandes nomes se deve à relevância que eles possuem na história do circo brasileiro (CASTRO, 2005).

Para cada palhaço foi feita uma breve explicação sobre sua trajetória e importância para o cenário circense brasileiro. Após as apresentações, foram exibidos vídeos, encontrados na plataforma

² Sobre o palhaço Carequinha, ver: Ferreira Filho e Andrade (2007).

YouTube, de cada um dos artistas. Como aponta Cardani et al. (2017), o uso de vídeos é um dos recursos mais utilizados por professores de Educação Física para tratar do circo nas suas aulas.

Ao término de cada vídeo, questões eram lançadas para os alunos: como era o figurino? A maquiagem? A impostação vocal? Como cada palhaço fazia uso do seu corpo? A forma de locomoção? As questões sobre voz e corpo não foram possíveis de serem abordadas no caso do palhaço Piolin, pois não se encontraram vídeos com ele atuando, e sim apenas compilados de fotografias.

Quadro 2 – Vídeos assistidos

Palhaço	Link
Arrelia	https://www.youtube.com/watch?v=zWnitoJHK4E&ab_channel=greatquest
Carequinha	https://www.youtube.com/watch?v=XNl4a4L8FbI&ab_channel=AiupaBrasilProdu%C3%A7%C3%B5es
Picolino	https://www.youtube.com/watch?v=Lu6t3Sfo-P8&ab_channel=AnaluNascimento
Piolin	https://www.youtube.com/watch?v=Tt11Fgu29wg&ab_channel=AverdadedoPalha%C3%A7o%2FAtor%2FM%C3%A1gico

Fonte: Elaborado pelos autores.

No término da atividade, foi questionado pelos alunos se não havia palhaços/ças contemporâneos. Apoiando-nos em Castro (2005), apresentamos os nomes dos palhaços: Xuxu, Margarita, Parlapatões, Kuxixo, Xupetin, Jacaré e Ligeirinho.

Unidade 4. Buscando conexões: ponto fixo, peso no corpo e gancho.

A terceira aula teve como objetivo trabalhar a relação eu-outro. Foram realizados três jogos.

No ponto fixo (atividade que trabalha a concentração), foi pedido aos alunos, em duplas, que encostassem cabeça com cabeça, andando juntos; depois, pé com pé, nariz com cotovelo (sempre em dupla). As atividades foram realizadas em velocidades diferentes: normal, rápido, muito lento. Os alunos tiveram dificuldade para entender e estavam muito agitados (próximos à frivolidade), o que levou os professores monitores a trabalharem juntos com a turma; a posição de observador foi temporariamente deixada de lado, de modo que o profissional nesta função também participasse da atividade, ou seja, jogasse. Segundo o monitor 1: “Foi interessante [participar da atividade como jogador], porque eles começaram a se olhar mais como se estivessem imitando um reflexo no espelho (vi que entraram no jogo naquele momento, porque estavam decidindo intensificar os movimentos)”.

A atividade “peso no corpo” teve como objetivo a consciência corporal. Os alunos estavam andando e foi solicitado a eles que sentissem um peso no cóccix, depois no pescoço, em um braço, em uma perna e, assim, sucessivamente até trabalhar cada parte do corpo. Na realização da atividade observaram-se várias expressões de dúvidas dos alunos, que foram sanadas no decorrer do jogo. A

maior dificuldade foi a concentração e, pela primeira vez desde o início do projeto, os risos ficaram temporariamente de lado.

As duas primeiras atividades os alunos fizeram individualmente, mas o “jogo do gancho” foi realizado em duplas. Distantes um do outro, um aluno deveria olhar para a própria mão que está segurando um gancho imaginário, olhar para a parte do corpo do companheiro onde ele quer lançar esse gancho, em seguida fazer um movimento de lançamento, e o outro aluno deveria simular o impacto do gancho grudando no seu corpo e “mimetizar” o puxão dado pelo seu companheiro. Neste momento, um dos alunos exclamou: “É como pescar, professor!”. Na cidade de Corumbá-MS, a pesca é uma das fontes de renda das famílias, ora no consumo da população, ora na realização do turismo de pesca, visando à pesca esportiva. Nesse sentido, pode-se supor que o riso seja uma característica humana associada à concentração e à representação do que é conhecido pelos sujeitos.

Unidade 5. Acrobacias cômicas: rolamentos, bandeiras e pirâmides.

As aulas tiveram como objetivo a vivência de exercícios acrobáticos que costumemente são realizados por palhaços visando ao riso. Foi explicada para os alunos a necessidade de compreender como cair, escorregar e desequilibrar-se para não se machucar, pois estas são habilidades do palhaço de representar cenicamente suas imperícias (ZAIM-DE-MELO; GODOY; BRACCIALLI, 2020).

A primeira atividade da aula foi a “canoinha”: foi pedido aos alunos que se deitassem com as costas no chão numa postura côncava (abdômen levemente contraído), primeiramente com os joelhos flexionados, elevando a cabeça e os ombros do chão num movimento alternado, ora elevando a cabeça, ora as pernas (movimento de gangorra). Após esse primeiro momento, pediu-se aos alunos que fizessem novamente o exercício, agora com as pernas flexionadas. Durante a atividade, foi explicada a toda a importância da “canoinha” para os outros exercícios que seriam realizados. Apesar de a atividade ser relativamente fácil, observaram-se muitos alunos com dificuldades na sua realização, indicando a necessidade de mais exercícios que proporcionassem melhoras na consciência corporal.

Após a “canoinha”, os rolamentos para a frente e para trás foram trabalhados. No rolamento para a frente, houve pouca dificuldade, uma vez que, segundo um dos alunos, eles faziam muitas cambalhotas antes da pandemia. A mesma facilidade não foi encontrada no rolamento para trás, tendo sido necessário improvisar um plano inclinado para facilitar a execução do movimento, como também recomenda Bortoleto (2008). Depois disso, explicou-se o princípio do rolamento em duplas, reservando um tempo da aula para aqueles que quisessem tentar a acrobacia.

Para a parte final da aula, foi necessário explicar as posições de portô e volante, para após se iniciarem bandeiras e pirâmides (TANAN; BORTOLETO, 2008). Nesse momento, um dos alunos

assumiu a atividade, determinando quem poderia ocupar cada posição, muitas vezes argumentando e apresentando elementos da física para convencer os colegas.

No término da segunda aula da unidade, realizou-se uma roda de conversa, questionando-os se eles perceberam os motivos da realização daquelas atividades. Um dos alunos perguntou se podia mostrar para responder. Ele se levantou, simulou um tropeço e, ao cair, realizou um rolamento, depois disse “para cair e não se machucar”. Nesse momento todos riram.

Unidade 6. Recalculando rota.

A última unidade, “recalculando rota”, foi direcionada para a avaliação da proposta, que foi realizada em duas etapas: desenho do seu palhaço e roda de conversa. Para a última aula, foi solicitado aos alunos participantes do projeto que não se esquecessem de levar lápis de cor. Com lápis de cor e papel sulfite, os alunos foram orientados para que desenhassem como seria o seu palhaço, a maquiagem e o figurino. Um dos alunos questionou: “Posso fazer do jeito que eu quiser mesmo?” (Aluno J). Diante da resposta afirmativa dos professores monitores, ele começou o seu desenho.

A atividade tinha tempo direcionado para sua realização, no máximo 30 minutos. Os desenhos apresentados se aproximaram do figurino do palhaço Augusto (conforme figura abaixo), com muitas cores, estampas de bolinhas, roupas listradas etc.

Figura 1 – Figurino dos seus palhaços (desenhados pelos alunos)



Fonte: Os autores.

Outro dado interessante nos desenhos realizados pelos alunos foi a presença de saias e vestidos em alguns figurinos desenhados pelos meninos; especula-se que a questão de gênero não tenha sido determinante na ação, como também apontou Bortoleto et al. (2020).

No segundo momento da aula, foi promovida uma roda de conversa, pedindo aos alunos que indicassem as atividades que eles mais tinham gostado, que falassem se haviam sentido alguma dificuldade na sua realização e se gostariam de ter mais aulas semelhantes às que foram realizadas. Quanto às atividades que eles mais gostaram, não houve consenso sobre quais seriam, embora as unidades “buscando conexões” e “acrobacias cômicas” tenham sido bem comentadas. Especula-se que o que tenha chamado atenção nessas atividades tenham sido os desafios que elas proporcionaram; no caso das conexões, a necessidade de estar concentrado quase o tempo todo e, nas acrobacias cômicas, o desafio de aceitar sua vulnerabilidade em iniciar um elemento corporal não usual, que eles não conheciam. De resto, quanto à continuidade de aulas com propostas semelhantes às que foram realizadas, os alunos foram uníssonos, pedindo ao grupo que continuasse.

CONSIDERANDO...

*Hoje tem marmelada?
Tem, sim senhor!
Hoje tem goiabada?
Tem, sim senhor!
O palhaço, o que é?
É ladrão de mulher!*

Durante a realização da proposta “Tem palhaço na Educação Física escolar? Tem, sim senhor!”, procurou-se ampliar o horizonte de possibilidades das atividades circenses nas aulas de Educação Física. Especificamente neste relato, ficou perceptível a possibilidade de inserção do palhaço de circo e sua arte nos programas escolares de Educação Física. Porém, no caminho trilhado pelos professores monitores, algumas dificuldades foram encontradas: como convencer os alunos ávidos por atividades fisicamente rigorosas a respirar, a concentrar-se, a olhar para o seu amigo (outro) e a buscar uma conexão? Pois bem, a arte do palhaço pode ser uma alternativa para esse trabalho introspectivo de conhecimento de si e do outro na Educação Física escolar.

Na região de Corumbá-MS, devido ao seu isolamento geográfico, as crianças possuem poucas oportunidades de assistir espetáculos de circo. Nesse contexto, como foi falar de um palhaço diferente do presente no imaginário coletivo, ou seja, romper a barreira que se restringe a ter o Patati e Patatá como únicas referências de palhaços?

Neste relato, mostramos que, após a explicação dos professores (numa atividade de roda de conversa), surpreendentemente, os alunos modificaram seu comportamento e se mostraram receptivos

às atividades com o tema do palhaço. Além disso, as aulas, sobretudo aquelas sobre os palhaços brasileiros, iniciaram uma reconstrução do imaginário social que não nega o palhaço midiático, mas que oferece outras referências importantes para a constituição do circo no Brasil.

A proposta realizada, como quaisquer iniciativas pedagógicas, teve algumas limitações: o número de aulas foi a principal delas, pois gostaríamos, por exemplo, de ter assistido com os alunos ao filme *O palhaço*, dirigido por Selton Mello, para alavancarmos novas discussões. Contudo ficará para outra oportunidade ampliarmos essas iniciativas tanto em termos de novos públicos quanto em termos de mais aulas. Por fim, para os alunos do 8.º ano que participaram da proposta, a alcunha do “ladrão de mulher” (palhaço) transformou-se em conteúdo das aulas de Educação Física, provocando aulas prazerosas e alegres, e causando risos na escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laura Filomena Santos; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasiela Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 15, n. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/6326/4660>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo, SP: UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mário Fernando. O palhaço e os esquetes. **Urdimento**, [S.L.], v. 1, n. 9, p. 87-95, 7 dez. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101092007087>.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Motriz**, v. 9, n. 3, p. 125-34, 2003. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/07Bortoleto.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo Arruda. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Rola-bola: iniciação. **Movimento & Percepção**, v. 4, n. 4-5, p. 100-109, 2004. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=20>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CALÇA, Daniela Helena. Circo e Educação Física: compendium das modalidades aéreas. **Movimento & Percepção**, v. 8, n. 11, p. 345-60, 2007. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=151>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Acrobacias de solo. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 15-36.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Parada de mãos. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 77-88.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; LOPES, Daniel de Carvalho; MORALES, Danilo Aparecido. Monociclo. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 121-134.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; LOPES, Daniel de Carvalho. Arame fixo. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses** – Vol. 2. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2010. p. 83-94.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 43-55, 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1256>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com o circo**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. In: FERREIRA, Lílian Aparecida; RAMOS, Glauco Nunes Souto. **Educação Física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais**. Curitiba, PR: CRV, 2017. p. 77-79.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; CARDANI, Leonora Tanasovici; FUNK, Alisan; MELO, Caroline Capellato; SANTOS, Gilson Rodrigues. Gender participation and preference: a multiple-case study on teaching circus at PE in brazilians schools. **Frontiers in Education**, v. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/educ.2020.572577>.

BURNIER, Luís Otávio. **A arte de ator: da técnica à representação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CALÇA, Daniela Helena; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Trapézio fixo. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 155-178.

CARAMÊS, Aline de Souza et al. As atividades circenses como possibilidade de inserção na Educação Física nos anos iniciais. **Biomotriz**, v. 7, n. 2, p. 130-45, 2013. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/BIOMOTRIZ/article/view/292>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CARDANI, Leonora Tanasovici; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SANTOS, Gilson Rodrigues; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 4, p. 128-140, 2017. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4.7723>.

CARDANI, Leonora Tanasovici; SANTOS, Gilson Rodrigues; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Circo en la escuela: compartiendo prácticas pedagógicas. **MHSalud**, v. 19, n. 2, p. 1-13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15359/mhs.19-2.8>.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Família Bastos, 2005.

CAVALCANTI, Sabrina. **O clown na formação e atuação do profissional de Educação Física**. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018.

CONCEIÇÃO JR., Elias José Mendes; GODOY, Luis Bruno de; RIZZO, Dayvid Tenner de Souza; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Produção científica sobre atividades circenses no centro-oeste do Brasil no período 2015-2020. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 267, p. 118-31, 2020. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/2133/1267?inline=1>. Acesso em: 19 out. 2021.

COXE, Anthony Hippisley. Nacimiento de un arte: el circo comenzó a lomos de un caballo. In: UNESCO – EL CORREO. **El circo: un espectáculo del mundo**. n. 1, 1988.

DIAS, Ricardo Melo; BUENO, Marília Cristina; DIPE, Vânia Cristina; MANOEL, Edison de Jesus. A criança e o palhaço nas aulas de Educação Física. **Anais...** São Paulo, SP: Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2009. Acesso em: 24 fev. 2023.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/63>. Acesso em: 02 fev. 2023.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; PEREZ GALLARDO, Jorge Sergio. **Artes circenses: no âmbito escolar**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2010.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. Malabarismo – passe com claves. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses – Vol. 2**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2010. p. 21-42.

FERREIRA, Diego Leandro; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Erminia. **Segurança no circo: questão de prioridade**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2015.

FERREIRA FILHO, Roberto Rodrigues; ANDRADE, Elza de. A arte do palhaço Carequinha. **Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas**, p. 177-178, 2007. Disponível em: <http://seer.unirio.br/pesqcenicas/article/view/190/164>. Acesso em: 27 fev. 2023.

GODOY, Luís Bruno. **O jogo do palhaço: do hospital à rua, da rua ao hospital**. Goiânia, GO: Talu Educacional, 2022.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2019.

JACHIC, Cinthia; LIMA, Francis Madlener de. Do circo para a escola, o malabares é um elemento da cultura corporal. **Chão da escola**, v. 8, n. 1, p. 7-13, 2009. DOI: <https://doi.org/10.55823/rce.v8i8.59>.

KRONBAUER, Gláucia Andreza; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O circo e suas miragens: a Escola Nacional do Circo e a história dos espetáculos na produção acadêmica brasileira. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 13, n. 52, p. 238-49, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v13i52.8640240>.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2010.

LEMKE, Cláudia Elizandra. Circo na escola: do ensino superior à educação básica. **Revista Práxis**, v. 14, n. 28, 2022. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3989/3001>. Acesso em: 02 fev. 2023.

LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Erminia. **Um Brasil de circos: a produção da linguagem circense do século XIX aos anos de 1930**. Campinas, SP: Circonteúdo/Prêmio Funarte de Estímulo ao Circo (2019), 2022.

LOPES, Daniel de Carvalho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Encaixando possibilidades: uma proposta pedagógica para o malabarismo com caixas. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e87325>.

MARIANO, Misma Lima; XAVIER JR., Jayme Felix; PARENTE, Maria Larissy da Cruz; ARAÚJO, João Gabriel Eugênio; MOURA, Diogo Luz. História de vida e formação continuada: análise de uma experiência de ensino sobre as atividades circenses. **Conexões**, v. 19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8660536>.

MARX, Enne. Metamorfozes do clown: a comicidade e o riso na transdisciplinaridade. In: BARBOSA, Diocélio Batista; OLIVEIRA, Maria Carolina. **Circo e comicidade**: reflexões e relatos sobre as artes circenses em suas diversas expressões. Jundiaí, SP: Paco, 2021.

MATO GROSSO DO SUL. **Ensino Fundamental em tempo integral** – Escola da Autoria. SED: Campo Grande, MS, 2021. Disponível em: <https://www.cartasdeservicos.ms.gov.br/ensino-fundamental-em-tempo-integral-escola-da-autoria/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

MIRANDA, Antônio Carlos Monteiro de. **Clown e corpo sensível**: diálogos com a Educação Física. Curitiba, PR: Appris, 2016.

MIRANDA, Antônio Carlos Monteiro de; LARA, Larissa Michelle. Clown e Educação Física: a brincadeira é séria. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 181-192, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46519>.

OLIVEIRA, Fernando Dias; DIAS, Diogo Inacio; GODOY, Luís Bruno de; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Circo nas aulas de Educação Física: para além do domínio motor. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83701>.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho, SILVA, Erminia. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la Educación Física. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 62, p. 233-43, 2013. DOI: <https://doi.org/10.35362/rie620592>.

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa. **Circo na escola**: por uma educação corporal, estética e artística. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2016.

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa; LOPES, Daniel de Carvalho; SANTOS RODRIGUES, Gilson; CARDANI, Leonora Tanasovici; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Corpo e arte: uma proposta pedagógica na Educação Física a partir da bola de equilíbrio circense. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, n. 2, p. 76-76, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24215/23142561e076>.

OSTHUES, Romulo Santana. “Você é um palhaço, mesmo” – A designação de uma palavra e seu funcionamento como insulto. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 28, n. 4, p. 1581-1601, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1681-1601>.

PITARCH, Roger. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. **Apunts. Educación Física y deportes**, v. 3, n. 61, p. 56-61, 2000. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ApuntsEFD/article/view/306890/396873>. Acesso em: 02 fev. 2023.

PRICE, Christopher. Circus for schools: bringing a circo arts dimension to Physical Education. **PHEnex Journal**, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2012. Disponível em: <https://ojs.acadiau.ca/index.php/phenex/article/view/1446>. Acesso em: 02 fev. 2023.

REIS, Demian Moreira. **Caçadores de risos**: o maravilhoso mundo da palhaçaria. Salvador, BA: EDUFBA, 2013.

RÉMY, Tristan. **Entradas clownescas**: uma dramaturgia do clown. Tradução de Caco Mattos, Carolina Gonzalez. São Paulo, SP: Ed. SESC SP, 2016.

RIBEIRO, Camila da Silva; CARDANI, Leonora Tanasovici; SANTOS RODRIGUES, Gilson; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O “não lugar” do circo na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 34, n. 1, p. 246-463, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.16128>.

ROCHA, Gilmar. Circo no Brasil – Estado da arte. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 70, p. 51-70, 2010. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/344/330>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SANTOS RODRIGUES, Gilson; MELO, Caroline Capellato; MAZZEU, Thaísa Rittmeister; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses na Educação Física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.27491>.

SOUZA JÚNIOR, Antônio Fernandes de. Atividades circenses no ensino fundamental: uma possibilidade na Educação Física escolar. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 600-614, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v16i4.8650704>.

TANAN, Danielle Lopes; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Acrobacia coletiva. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 105-120.

TOLEDO, Aron Martins; ZANOTTO, Luana. Uma análise das atividades circenses como conteúdo da Educação Física: aportes teóricos e práticos. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 268, p. 14-26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v25i268.2157>.

TORRES, Tallyta Gabriella de Oliveira; DANTAS, Renata Aparecida Elias. Artes circenses: acrobacia coletiva como conteúdo da Educação Física escolar. **Universitas: Ciências da saúde**, v. 15, n. 1, p. 1-7, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5102/ucs.v15i1.4247>.

XAVIER JR., Jayme Felix; MOURA, Diego Luz. Atividades circenses e Educação Física: uma análise das publicações entre 2012 e 2018. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, TO, v. 7, n. 8, p. 112-24, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2341>. Acesso em: 02 fev. 2023.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; BRACCIALLI, Felipe. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76909>.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Circo no pantanal: o ensino da arte em uma escola das águas. **Revista Educação em Debate**, n. 85, p. 75-92, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24882/eemd.v43i85.72466>.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; GODOY, Luís Bruno de; AMARAL, Laurianne Sorrilha do. A utilização do tecido acrobático como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar: um estudo com uma nona série do ensino fundamental. **Repertório**, n. 35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/r.v1i35.35454>.

ZANOTTO, Luana; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Atividades circenses na Educação Física: transformando a escola em picadeiro. **Corpoconsciência**, v. 20, n. 2, p. 23-32, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4308>. Acesso em: 03 fev. 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO – não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Pesquisa derivada do Projeto de Pesquisa: Circo no Pantanal, aprovado junto ao Comitê de Ética da UFMS, CAAE: 31691320.7.0000.002, aprovado em 06 de julho de 2020.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 04.03.2023

Aprovado em: 06.06.2023

